

Batalha de inteligências na era eletrônica

HOMEM X COMPUTADOR

RICHARD BACH

Autor de «Fernão Capelo Gaivota»

SABEMOS que este século é dominado por gigantesco computadores, e que os maiores não falham, a menos que tenham sido desligados. Coloquemo-nos defronte de um computador gigante, ligado e programado para nos destruir, e sabemos o que sente um coelho hipnotizado por uma serpente — fica vidrado, numa espécie de horror.

No meu caso, a serpente foi o Tech II do Instituto Tecnológico de Massachusetts, a célebre maravilha do xadrez. Às 2:30 da madrugada de uma quarta-feira, o Tech II comunicava que seu programa estava preparado para «reduzir a pó» este amador, sentado diante de um painel de xadrez no terminal do computador na Flórida.

Inscribi no teclado meus lances de Peão e Cavalo cuidadosamente pensados. Mal retirara os dedos das teclas, ZÁS! Lá estava em resposta a jogada do computador, juntamente com meticulosa inscrição comuni-

cando que respondera a meu Cavalo em um décimo de segundo, tempo real.

Eu aprendera xadrez antes de completar oito anos, mas, em brilhantes jogadas mecânicas, a máquina me destruía em 371 segundos e 9 décimos. Tinha sido posto em xeque pelo século XX.

Será que os coelhos se habituariam às serpentes? Nesses seis minutos, o temor deu lugar a um terrífico respeito. Estivera deprimido e perplexo, mas subitamente fiquei desperto e irritado, furioso com o que havia ocorrido.

Apertei as teclas que limpavam o tabuleiro e iniciei a segunda partida. Era Homem *versus* Computador às 2:38 da madrugada, com aquela sussurrante engrenagem se preparando para me esfaquear.

As duas horas seguintes foram de cruel e rejubilante agonia. Não há nem sombra de compaixão nos circuitos de um computador moderno; ele vê e ataca como um tu-

barão. Às 3:58, a máquina tinha um Bispo e quatro Peões de vantagem, e vi a inscrição como num manual de xadrez: *Posição insustentável. As Brancas desistem.*

Os seres humanos, porém, pensam tão illogicamente que, no momento de entregar os pontos, é que começam finalmente o combate. Escutei uma voz vinda do íntimo de minha alma, dizendo ao computador: «Olhe aqui! Você me encostou à parede, mas tem de continuar até o fim porque eu não vou desistir – nunca!»

Nenhuma emoção; simplesmente continuou «comendo» (Cavalos, Bispos, Peões), bip, bip, bip.

Uma de minhas loucas Torres, contudo, não bateu em retirada. Saiu de sua base e atacou o computador! O tempo de resposta da máquina foi de 75 segundos e 6 décimos. Estivera imóvel, pensando, esse tempo todo.

O segundo movimento da temerária Torre estancou o computador por 189 segundos e 2 décimos; o terceiro, por 453 segundos e 2 décimos. O monstro tinha agora de PENSAR para me vencer. Debrucei-me sobre o tabuleiro, primeiro sob gelada tensão, depois em angustiosa expectativa. Será que?

Mais um sinistro «bip», e o lance do computador foi impresso no terminal. Meu ataque partiu como disparo de foguete pelo ar.

Aflição. Depois, fúria total. Movi um Peão para o extremo do

tabuleiro, em desespero para reaver minha Dama prisioneira.

Levou muito tempo pensando, observando-me como caçador que olha uma corça através da mira do rifle antes de puxar o gatilho, mas algo saiu errado. O caçador disparou demasiado tarde e a corça virou gamo, louco por matar.

O computador analisou meu ataque final durante 337 segundos e 4 décimos, mas não houve surpresas mirabolantes em sua resposta. Seu «bip» foi um lance fraco! Num ápice, meu Peão foi promovido a Dama, e esta se vingou: come, come, xeque, xeque!

Havia cada vez menos opções para seus lances. O tempo de resposta da máquina baixou de 76 segundos para 33, para 4. Como se os circuitos estivessem ardendo, os fusíveis queimando, o computador acabou com seu Rei encurralado.

Suando, tremendo, ataquei de Dama uma vez mais. «Sai dessa, sua Máquina – XEQUE-MATE!»

Sem cerimônia, o computador emitiu um ruído de explosão e imprimiu: *Tempo – 0,0*. Não tinha mais lances; estava derrotado. Uma supermoderna/máquina de xadrez do ano de 1975 recebera xeque-mate de um exausto ser humano à beira de colapso, num terminal a 2.200 quilômetros.

Sabemos que este século é dominado por computadores, mas é recomendável que o Homem por vezes humilhe a Máquina. Mantenha-a ligada, mas humilhe-a. Faça-lhe ver que o dono é você. ▲